

Uma discussão corporativista

O diretor do HRC e coordenador da Regional de Saúde da Ceilândia, Romualdo Silveira, argumenta que os programas de atendimento do Ministério da Saúde, já adotados no D.F., permite a adoção das equipes de atendimento. A intenção é ajustar o modo de trabalho à demanda da população pelos serviços de saúde, tornando certas tarefas comuns.

Romualdo explica que essa situação não é exclusiva da cidade e diz que, nas equipes de atendimento, o médico é figura indispensável como responsável técnico. Sobre as nomeações de pessoas sem diploma em Medicina para chefiarem equipes, o diretor e coordenador lembra que, ao assumir o hospital no início de 95, consultou diversas entidades, inclusive o CRM-DF, e a resposta permite a escolha livre.

A atitude dos seus companheiros de trabalho, os médicos do hospital, o dr. Romualdo classifica de corporativismo. “*Panela* dos colegas que têm formação acadêmica defasada, desconhece normas propostas pela Unicef, Ministério da Saúde e Secretaria da Saúde do DF para atenção à crianças, mulheres e adultos”, rebate o diretor. “Eles temem a perda da importância do seu trabalho e se movem por isso.”

Brigas à parte, o Sindicato dos Médicos reconhece que o assunto é controverso e quer restabelecer os limites de atuação para cada profissional nos programas de atendimento. Mário Cinelli vai convocar os conselhos regionais de Medicina e Enfermagem e a Associação Médica de Brasília para acertar com o sindicato que tarefas os integrantes de equipes médicas podem desempenhar. Enquanto isso, entre ficar sem médico ou ser atendida por alguém que trabalha como se fosse, a população da Ceilândia decide-se pela necessidade de receber atendimento de qualquer maneira.